

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS EM INICIAÇÃO CIENTÍFICA

FIRST EXPERIENCES IN SCIENTIFIC INITIATION

MAYTÊ RAMOS PIRES¹; MARINA MIORIM²; JIANI ADRIANA BONIN³

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)

Resumo: O artigo trata das experiências relacionadas à pesquisa exploratória em uma investigação comunicacional a partir das primeiras vivências realizadas na Iniciação Científica. No texto, refletimos sobre o sentido da pesquisa exploratória como prática relacionada à construção metodológica investigativa; recuperamos os percursos exploratórios efetuados e, por fim, sintetizamos os aprendizados destas primeiras experiências de investigação.

Palavras-chave: metodologia; pesquisa exploratória; iniciação científica; apropriações midiáticas; cidadania

Abstract: The article presents the experiences related to the exploratory research in a communicational investigation from the earliest experiences held in Scientific Initiation. On the text, we reflected on the meaning of exploratory research as practice related to investigative methodological construction; we recovered the exploratory

¹ Bolsista de Iniciação Científica PIBIC- CNPq da pesquisa *Coletivos culturais e espaço público midiático: configurações de usos, apropriações e produções de mídias em associações e grupos étnicos*. Estudante do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Integrante do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção – PROCESSOCOM do PPGCC/Unisinos. E-mail: mayterpires@gmail.com.

² Bolsista de Iniciação Científica UNIBIC da pesquisa *Coletivos culturais e espaço público midiático: configurações de usos, apropriações e produções de mídias em associações e grupos étnicos*. Estudante do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Integrante do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção – PROCESSOCOM do PPGCC/Unisinos. E-mail: marina.miorim.2@gmail.com.

³ Professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Coordenadora da pesquisa *Coletivos culturais e espaço público midiático: configurações de usos, apropriações e produções de mídias em associações e grupos étnicos*. Integrante do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção – PROCESSOCOM do PPGCC/Unisinos. E-mail: jianiab@gmail.com.

journey and, lastly, we synthesized the learnings of these first experiences of investigation.

Key words: methodology; exploratory research; scientific initiation; mediatic appropriations; citizenship

1. Introdução

Neste texto nosso propósito é relatar e refletir sobre o sentido da pesquisa exploratória na construção de uma investigação concreta a partir de vivências e aprendizados de duas iniciantes no fazer científico. O artigo é fruto de nossas primeiras experiências de Iniciação Científica no desenvolvimento do projeto de pesquisa *Coletivos culturais e espaço público midiático*.⁴

Para realizar a proposta deste artigo, refletiremos sobre a importância da dimensão metodológica no fazer pesquisa, focalizando, particularmente, a pesquisa exploratória e o sentido dela nessa caminhada. Em diálogo com propostas de alguns autores, reconstruiremos a formação que começamos a vivenciar na pesquisa, onde começamos (e continuamos nesse processo) a entender a metodologia transcendendo, como diz Bonin, “o uso automatizado e pouco reflexivo de métodos e procedimentos” e aprendendo a pensá-los e a utilizá-los como fundamentos que auxiliam no desenvolvimento da trajetória da pesquisa.

Este texto está organizado do seguinte modo: num primeiro momento recuperaremos os movimentos exploratórios efetuados na investigação, explicitando seus objetivos, os procedimentos de levantamento de dados e a realização do processo de coleta; depois refletiremos sobre o sentido da pesquisa exploratória como prática relacionada à construção metodológica da pesquisa. Por último, refletiremos sobre os aprendizados destas primeiras experiências de pesquisa.

⁴ Coletivos culturais e espaço público midiático: configurações de usos, apropriações e produções de mídias em associações e grupos étnicos, é uma pesquisa coordenada pela Prof^a Dr^a Jiani Bonin com financiamento de bolsas de ICC do o CNPq e da Unisinos.

2. Os movimentos exploratórios vivenciados na pesquisa *Coletivos culturais e espaço público midiático* e os aprendizados desenvolvidos

A proposta do projeto da pesquisa em questão, onde vivenciamos a etapa exploratória sobre a qual estamos refletindo, está focada no papel da mídia na configuração de sujeitos marcados pela pertença a grupos de migração histórica e contemporânea, em termos da constituição da sua identidade, das práticas, de projetos, interesses e demandas – em confluência e articulação com as dinâmicas do mundo da vida.

Para entender a o papel das mídias na formação das identidades dos coletivos e de suas iniciativas, o objetivo geral da pesquisa é investigar os usos, apropriações e produções midiáticas de grupos e associações de migrantes e descendentes de migrantes de migração histórica e contemporânea, com vistas a entender o papel do espaço público midiático na configuração das identidades, práticas, projetos e demandas destes grupos e as possibilidades (ou impossibilidades) que se abrem para a ação cidadã. Na fundamentação teórica da pesquisa trabalhamos os conceitos de *cidadania, espaço público midiático, migrações, identidades e coletivos culturais*. A metodologia da pesquisa empírica que está sendo realizada abrange uma etapa sistemática e uma exploratória. A pesquisa sistemática, de natureza qualitativa, se dará a partir da análise de casos de grupos e/ou associações levando em conta vinculações diversas e relevantes com mídias, potencialidades de constituição de práticas cidadãs e condições de exequibilidade da pesquisa. A estratégia de coleta de dados inclui modalidades individuais de entrevista (estruturada, semi-estruturada), grupos de discussão com inserção de materiais midiáticos, *observação e pesquisa documental* sobre registros, projetos, documentos produzidos pelos grupos. Será realizada também análise de um *corpus* de referentes midiáticos relevantes no contexto dos grupos investigados contemplando, principalmente, produções sobre os grupos ou por eles realizadas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, relacionamos teoria e empiria em um estudo qualitativo, que busca aprofundar os conhecimentos relativos à construção das identidades no contexto contemporâneo, aos usos e apropriações midiáticas, ao sentido que adquire hoje a

cidadania e as reconfigurações do espaço público, em suas vinculações com os processos de mediatização, fazendo a *união* das ideias com a observação da realidade (MILLS, 1975).

2.1 Pensando o sentido da pesquisa exploratória

A curiosidade nos leva a muitos caminhos e um deles é a pesquisa. A possibilidade de pensar o desconhecido em uma busca de respostas, acompanhadas por aprendizados diferenciados é intrigante. Motivadas por este ímpeto iniciamos nossa jornada em pesquisa, mais propriamente na fase exploratória da pesquisa, quando começamos a conhecer e tentar entender esse novo mundo.

Começamos a viver a pesquisa exploratória antes mesmo de sair a campo. Nossas primeiras experiências foram no contato com a teoria. Aprofundamo-nos em leituras sobre a metodologia na pesquisa e nelas descobrimos o sentido da pesquisa exploratória como um movimento de aproximação ao fenômeno concreto a ser investigado buscando perceber seus contornos, suas especificidades. Para isso, exige-se a construção de um planejamento; nesse momento deve-se projetar e programar as futuras realizações de sucessivas aproximações ao concreto empírico a partir de possíveis interesses ao problema/objeto em construção (BONIN, 2011).

Para além de uma definição estática, o sentido da pesquisa exploratória se relaciona com a *práxis*, com a necessidade de por em relação a teoria com a observação da realidade. Nesta etapa da pesquisa exploratória, ao sair a campo, podemos experimentar, vivenciar e testar métodos e procedimentos aprendidos que possam servir às demandas da problemática. Ao adentrar na realidade concreta que interessa à pesquisa, podemos ir confrontando-a com a teoria. Esta confrontação permite-nos também possíveis mudanças na teoria, isto é, ao vivenciar o objeto pesquisado podemos ter novas concepções de mundo e assim, aprimorar a teoria (MALDONADO, 2002). Encarando a pesquisa como uma contribuição ao espaço científico, buscamos desenvolver uma atitude de reflexão constante (BACHELARD, 1977, citado por

BONIN, 2011). Cada aspecto da pesquisa deve ser considerado e explorado para então concluirmos algo, mesmo que minimamente.

Para uma boa exploração, que responda às perguntas desejadas e nos forneça dados para ajudar na construção da pesquisa, precisamos antes estabelecer contato com o fenômeno pesquisado, no caso da pesquisa que integramos o fenômeno se relaciona com os usos das mídias em coletivos de migrantes. Mas não apenas contato superficial, precisamos estabelecer uma relação de confiança com os nossos entrevistados, para que haja o diálogo⁵.

Pensamos a metodologia como ofício artesanal, conforme propõe Mills (1975)⁶. Este autor também fala da importância dos registros, assim como Winkin, e das anotações. Dessa forma, (re)descobrimos a utilidade dos diários e blocos de notas. Neles vão os detalhes, o não dito, as nossas interpretações e mesmo aquilo que as transcendem. Partindo desses autores encontramos novos aliados nessa caminhada ainda obscura. Os diários, nossas anotações, tornam-se companheiros, suportes para desenvolvermos a pesquisa, permitindo-nos rever a pesquisa a cada escrita. Rever o dia, o aprendizado e, inclusive, perceber novas possibilidades de interpretação do já visto.

E então, ao adentrar o mundo dos diários, retomamos a base, a *práxis*. Base, pois aprendemos de princípio a dar valor à relação teoria e empiria. Primeiro, esforço para utilizar a teoria adequando-a à realidade estudada, pensando a teoria sem esquecer o “compromisso com a realidade em que estamos inseridos”, como diz Bonin (2011). Depois, tentativa de compreensão de que, auxiliados por elementos teóricos, na junção das duas perspectivas, é que desenvolvemos conhecimento científico.

⁵ Aqui usamos o conceito trabalhado por Cremilda Medina, que traz a entrevista como “o diálogo possível”, defendendo a igualdade entre as partes para transcender o “monólogo autoritário”, pois a entrevista “é uma técnica de interação social”. Neste conceito também pensamos os ensinamentos do artigo da Graziela Bianchi, que ao explorar o envolvimento entre pesquisador e pesquisado busca demonstrar a importância de uma relação “transparente e sincera” entre ambos. Unimos essas ideias aos preceitos de Thompson, que descarta a entrevista como o diálogo, mas em comum, pensa em formas de interação para conseguir as informações necessárias dos entrevistados, mantendo o respeito para com eles. E, buscando consolidar uma base para entender entrevista e executá-la, anexamos ao quadro de teóricos que pensam entrevista Gaskell, que vê as pesquisas que utilizam entrevistas como um “processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca”.

⁶ O artesanato intelectual de Mills não separa vida e trabalho.

2.2 Vivências e aprendizados metodológicos na pesquisa exploratória

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, um primeiro movimento empreendido na pesquisa exploratória foi um mapeamento dos grupos de migração histórica e contemporânea existentes, que foi direcionado à região metropolitana de Porto Alegre, considerando sua presença no contexto e a proximidade geográfica, o que facilitaria a execução da pesquisa. Isso foi feito pensando na próxima etapa da pesquisa, que seria a realização de entrevistas exploratórias com informantes dos grupos - momento em que ingressamos na mesma.

A coleta de dados neste movimento de pesquisa exploratória, de aproximação dos grupos, ocorreu por meio de observações e de entrevistas. Norteadas por um roteiro semi-estruturado, as entrevistas foram uma abordagem inicial aos coletivos. A aproximação a esses grupos será aprofundada na fase seguinte da pesquisa, quando serão selecionados alguns grupos de acordo com os requerimentos do nosso problema.

A definição pelo estudo de coletivos de migração histórica e contemporânea foi feita levando em conta constatações de pesquisas anteriores em relação à diferença no tratamento midiático destes grupos, como explicaremos na seqüência. Em relação à definição dos grupos de imigração histórica a serem mapeados, inicialmente foi feita a opção pela busca de grupos e de associações de alemães e italianos, por estas serem correntes migratórias expressivas numericamente na colonização do Rio Grande do Sul. A pesquisa realizada por Cogo⁷, por exemplo, constata presença significativa dos italianos e alemães nas mídias regionais. Na análise de alguns dados do mapeamento e de outras pesquisas, percebeu-se a maior presença de italianos em relação a outras etnias na mídia regional e, por isso, foram o grupo escolhido em termos de imigração histórica.

⁷ Essa obra traz os resultados de uma pesquisa em torno das interfaces entre mídias, interculturalidade e migrações contemporâneas desenvolvida, entre março de 2002 e fevereiro de 2004, pelo grupo de pesquisa Mídia e Multiculturalismo do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Dez mídias impressas, de cinco regiões brasileiras, foram pesquisadas por Cogo: *Correio do Povo*, *Zero Hora*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo*, *A Tarde*, *Correio Braziliense*, *Diário Catarinense*, *A Crítica*, *O Globo* e *Veja*. Foram coletados 2226 textos midiáticos ou notícias, dos quais 1886 foram selecionados.

No caso dos imigrantes contemporâneos, optou-se por buscar grupos latino-americanos pela presença significativa destes no Rio Grande do Sul, entre outras razões. Outra questão que fundamentou a escolha destes grupos é o tratamento diferenciado em relação a imigrantes de origem latina na mídia, como atestam algumas pesquisas, entre elas a da Rejane de Oliveira, que traz o caso dos argentinos, mostrando como a identidade argentina é moldada pela mídia⁸.

Enquanto os italianos têm forte presença na mídia, pouco espaço é aberto aos peruanos, por exemplo. Outros grupos têm uma presença estereotipada, como é o caso dos argentinos. A presença desses grupos na mídia, a maneira como eles são apresentados e como se sentem representados foi também um critério importante nesta delimitação.

O primeiro contato que tivemos com os primeiros movimentos de pesquisa exploratória realizados se deu através do relatório da bolsista que trabalhou anteriormente no projeto⁹, a partir da leitura dos dados por ela levantados. Ao ler o relatório da bolsista anterior começamos a entender o sentido deste movimento de mapeamento e sua importância na pesquisa, pois é a partir desta busca que se desenvolve todo o projeto. Dessa forma, entendemos tais estratégias como essenciais na construção de uma pesquisa científica consolidada. Percebemos que a pesquisa se constrói aos poucos, a cada passo, em cada movimento, seja ele de aproximação, mapeamento, exploração etc. Na pesquisa em questão, fez-se necessário desenvolver estratégias diferenciadas para descobrir grupos a serem explorados a partir das realidades encontradas no concreto da pesquisa. Um primeiro movimento na procura dos grupos foi realizado através de buscas de materiais na internet. Por conta da dificuldade encontrada para obter resultados concretos em buscadores *online*, procurou-se uma alternativa de busca, ainda neste ambiente, o que levou à definição pela pesquisa nas redes sociais *Orkut*, *Facebook* e *Twitter*.

⁸ A pesquisa realizada por Rejane de Oliveira, publicada na Revista Alceu, faz uso de três exemplos relacionados a Diego Maradona, e assim expõe a construção da imagem argentina pelo Jornal Zero Hora, marcada por estereótipos e adjetivações do tipo “vocação para a tragédia”. Para tanto, ela se ampara em diversos autores tratando dos critérios de noticiabilidade, processos de construção das notícias, fontes e discurso jornalístico.

⁹ Stéfanie Telles Dal’Forno foi bolsista do projeto antes do nosso ingresso e trabalhou, entre outras atividades, realizando buscas na primeira etapa da pesquisa exploratória.

No *twitter*, além de buscas por grupos, foi postado, por mais de uma vez, uma mensagem na página pessoal da bolsista Stéfanie Telles (@stefanietelles) perguntando se alguém conhecia grupos e/ou associações de migrantes latinos na região metropolitana de Porto Alegre. Com o *facebook*, a mesma estratégia foi utilizada. Já no Orkut a estratégia foi buscar comunidades relacionadas ao tema da pesquisa. Dez comunidades foram encontradas. No fórum de cada uma das comunidades foi aberto um tópico explicando a pesquisa, seus objetivos e pedindo a colaboração dos membros para informações a respeito de possíveis grupos e/ou associações, de acordo com o que foi explicado da pesquisa. Em nenhuma dessas redes sociais houve retorno do que foi postado. Então uma nova estratégia foi empregada pelos integrantes da pesquisa: a busca de informações de outras pesquisas, de contatos com instituições e com informantes-chave.

Assim, foi realizado contato com as Secretarias de Cultura de Novo Hamburgo, São Leopoldo, Dois Irmãos e Ivoti. A Secretaria de Cultura de São Leopoldo sugeriu entrar em contato com o Museu Histórico da Cidade, que não forneceu dados, pois nas duas vezes em que foi contatado não havia ninguém que pudesse fornecer tais informações. A Secretaria de Cultura de Ivoti repassou o contato de apenas uma associação, a Associação da Colônia Japonesa, que não se enquadrava ao objetivo da nossa pesquisa. A Secretaria de Cultura de Novo Hamburgo repassou, também, apenas um contato, o da Società Italiana Santa Lucia que, ao contarmos por telefone pediu que apresentássemos a pesquisa e questionamentos via e-mail, mas não obtivemos resposta em nenhuma das tentativas. E a Secretaria de Cultura de Dois Irmãos também não respondeu aos nossos questionamentos, que foram via e-mail.

Através de referências de outros projetos conseguiu-se o contato da Igreja da Pompéia (Pastoral dos Imigrantes de Porto Alegre). A Igreja dá suporte a migrantes em questões burocráticas, como documentos, e também em questões socioculturais, como a promoção de eventos. Foi por meio da Igreja que se obteve contato com um dos grupos entrevistados na etapa exploratória, o *Centro Cultural Peruano*. Foram feitos contatos com embaixadas, também foram enviados e-mails para os consulados da Argentina, do Uruguai, do Paraguai, do Chile, do Equador, do Peru e da Colômbia. Apenas o consulado do Uruguai respondeu ao e-mail,

passando o contato do *Consejo Consultivo de Uruguayos de Vale dos Sinos e Serra*, que também foi entrevistado durante essa etapa. Outra via pela qual chegamos a algumas indicações de grupo foi através da informação dos grupos e espaços contatados no processo de aproximação aos mesmos.

Uma lista de associações de migração italiana no Rio Grande do Sul obtida na embaixada italiana durante o projeto anterior (Mídia e Memórias) auxiliou no processo de seleção dos grupos de migrantes históricos, pois a partir dela foi possível averiguar as associações que ainda estavam em funcionamento e as atividades desenvolvidas em cada uma delas. Após o primeiro contato – via telefone e e-mail – sete associações foram escolhidas para a segunda etapa da pesquisa: *Luchesi nel Mondo*, *Abruzzese* e *Massolin de Fiori Società Taliana*, em termos de migração histórica; e *Consejo Consultivo Uruguayo do Vale dos Sinos e Serra*, *Comitê Latinoamericano*, *Centro Cultural Peruano* e *Centro Social e Cultural Chileno*, em termos de migração contemporânea.

No segundo movimento exploratório, de coleta de dados com os grupos escolhidos dentre os mapeados no primeiro movimento, foi feita a opção pelo procedimento de entrevista de tipo semi-estruturada. Foi construído um roteiro da entrevista de aplicação flexível. O roteiro serviria como orientação com questões relevantes para garantir a coleta de informações requeridas. Este procedimento foi pensado para possibilitar flexibilidade na aplicação das entrevistas, permitindo que o entrevistado se sentisse à vontade para expressar suas ideias e que o pesquisador fosse adequando os tópicos ao andamento da conversa¹⁰.

Ao longo da entrevista, procuramos abordar todos os tópicos do roteiro, que foi dividido em três blocos. No primeiro bloco, de *caracterização do coletivo/associação* buscamos saber um pouco mais sobre a identidade do grupo desde a sua fundação, se os seus objetivos continuam os mesmos, os projetos que possuem, o perfil sociocultural dos membros e as práticas coletivas que fazem entre si e com outros coletivos. No segundo bloco, de *relações com*

¹⁰ Nesse procedimento trabalhamos as ideias de Thompson (1992), que indica a utilização do roteiro como um guia, realizando as perguntas “no momento oportuno”, sem manter-se preso a ele, dessa forma a entrevista flui melhor e os resultados são mais produtivos. Os ensinamentos de Gaskell (2002) também nos foram úteis na utilização do roteiro, que este denomina “tópico guia”.

as mídias, buscamos entender qual o sentido das mídias para o grupo, os usos e recepções e a avaliação dos pesquisados da maneira que estas mídias visibilizam o grupo. No terceiro bloco, *Concepções estratégias/táticas de visibilização do grupo – participações midiáticas e produções próprias*, buscamos informações sobre a existência de estratégias e táticas relacionadas à visibilização do grupo nas mídias, se existe uma preocupação em ter visibilidade e se existe produção midiática tanto própria como também em meios externos ao coletivo.

A divisão em blocos facilitou nosso aprendizado quando estudamos o roteiro e também no momento de aplicá-lo. O roteiro, em todas as entrevistas, atuou como um guia que não nos permitia esquecer de nenhum tópico, sem ser rígido, ou seja, o consultávamos para saber se tínhamos explorado todos os pontos mas sem a rigidez de colocar assuntos em determinada ordem e podendo ampliá-lo livremente. Dessa forma, entendemos que a construção de um roteiro, no qual sejam evidentes os pontos que interessam à pesquisa e devem ser abordados ao longo da entrevista, é de suma importância, pois desempenha um papel de norteador na aplicação da exploração.

Na organização das entrevistas nesta fase de aproximação aos coletivos e grupos mapeados, optamos pelo trabalho em duplas, entendendo que os olhares de duas pessoas se complementam no momento da observação e que, dessa forma, a exploração se faria mais completa. Essas duplas eram compostas por uma integrante mais experiente em entrevistas e uma iniciante. Ao observarmos a condução das entrevistas com os pesquisadores mais experientes – em uma observação participante, pois nos inserimos desse modo desde a primeira entrevista – aprendemos sobre postura, sobre variadas formas de envolver o entrevistado nas perguntas, em nossas colocações, para que ele se sentisse valorizado também. Pudemos ter a experiência de participar de dois tipos de aplicação da entrevista: a primeira realizada por uma pesquisadora mais experiente do que nós, porém estando ainda a nível de graduação ou mestrado; e depois com a pesquisadora coordenadora do projeto. Foi muito interessante poder perceber as diferenças na condução da entrevista, diferenças que partem tanto de domínio do roteiro quanto das maneiras de estabelecer a relação com o entrevistado e de conduzir a comunicação. A partir desses

momentos pudemos refletir sobre o posicionamento como pesquisadoras entrevistadoras e em como isso afeta a qualidade dos dados coletados.

Antes da realização de qualquer entrevista, nos reuníamos para debater os dados a serem levantados sobre o coletivo, o entrevistado que o representaria e formas de se colocar frente a ele. Mas, em geral, a postura que assumíamos era definida no momento da entrevista, dependendo da receptividade do entrevistado. Para a realização deste processo procuramos aprender a *escutar*, pois, assim, valorizaríamos os depoimentos dos entrevistados. Colocamos os questionamentos em meio à fala para que a entrevista mantivesse um clima sempre tranquilo e os entrevistados permanecessem “à vontade”. Aqui também fazemos uso das ideias de Thompson (1992), no sentido de procurar estabelecer uma relação de “cooperação, confiança e respeito mútuos” entre pesquisador e entrevistado. Thompson sustenta tal posição, na qual nos amparamos, na seguinte passagem: “Uma entrevista é uma relação social entre pessoas, com suas convenções próprias cuja violação pode destruí-la. Fundamentalmente, espera-se que o entrevistador demonstre interesse pelo informante, permitindo-lhe falar o que tem a dizer sem interrupções constantes e que, se necessário, proporcione ao mesmo tempo alguma orientação sobre o que discorrer. Por baixo disso tudo está uma ideia de cooperação, confiança e respeito mútuos” (THOMPSON, 1992, p. 270-271).

Durante as entrevistas utilizamos gravador. Seu uso não era displicente, preocupávamo-nos com a aprovação do entrevistado, explicando-lhe a importância do aparelho para complementar os nossos registros de observação, compostos pelos relatórios feitos pelas pesquisadoras (relatórios que englobavam não somente a entrevista em si, mas descrição do local, e análise dos diálogos anteriores e posteriores à entrevista). Lembramos que o gravador também traz um caráter oficial à entrevista, e os entrevistados costumam incorporar esse “espírito”, mantendo o foco na entrevista (em poucos casos as divagações foram intensas e, mesmo assim, esses momentos nos ajudaram a compreender melhor a associação e seus membros).

Após as entrevistas, realizamos a decupagem. Nela, transcrevemos a entrevista por completo e depois a adequamos aos eixos do roteiro. Ao ouvir novamente a entrevista que ha-

víamos realizado, vivíamos a mesma entrevista pela segunda vez e percebíamos detalhes que antes pareciam banais. O exercício de repensar o roteiro e procurá-lo na fala do entrevistado, além de ampliar nossa visão, servia de complemento para entendermos os processos de coleta. Apesar de despender um tempo relativamente grande, a importância de realizar a decupagem está justamente no fato de poder reviver as entrevistas em suas particularidades e, assim, ter mais argumentos para a análise dos dados.

Além dos relatórios e dados coletados durante as entrevistas, adquirimos o hábito de realização dos diários (citados na teorização deste artigo). Neles complementávamos os detalhes observados, como posturas, gestos, informações do ambiente no qual éramos recebidas, como éramos recebidas (fatos resumidos nos relatórios e mais aprofundados nos diários), entre outros. Para a pesquisa entendemos o diário como mais uma fonte de registro dos dados bem como de reflexão sobre o processo da pesquisa. Nele está o não dito, que pode ser crucial quando no momento de optar por um grupo, em detrimento de outro. Porém este entendimento de que o diário é parte integrante da pesquisa não veio instantaneamente quando começamos a utilizá-lo. Houve certa relutância por falta de compreensão de seu sentido. No início, o utilizávamos automaticamente, ou seja, fazíamos o registro, mas carente de detalhes e de envolvimento. As discussões relacionadas ao que registrar e a observação de outros registros foram importantes para irmos aperfeiçoando nossos registros no diário de campo.

Comprometemo-nos a compor um registro diário e, com o passar do tempo, notamos que mesmo esses registros mudaram, fomos enriquecendo-os também à medida que aumentávamos nossa lista de leituras. O diário virou parte da nossa rotina e agora é difícil pensá-la sem ele, sem esse amigo a quem contar o dia, não apenas em seu caráter científico, acompanhando o nosso crescimento, nossa estrada de iniciantes (que ainda somos) a pesquisadoras, pois os diários estarão lá, com nossas anotações, e serão os primeiros a saber quando encerrarmos essa caminhada e o começo da próxima.

3. Considerações finais

O processo de início de formação em pesquisa, inaugurado por nossa participação no projeto *Coletivos culturais e espaço público midiaticizado*, é composto por nosso esforço de aprendizado tanto ao submergir nas leituras, ao desenvolver relatórios, ao incorporar o uso do diário, quanto nas idas a campo. Amparadas pela teoria, aprendemos a ampliar nosso olhar em todas as perspectivas propiciadas pela pesquisa. Foi a partir das reflexões de teorias que, em sua relação com o concreto, surgiu, aos poucos, nossa consciência de pesquisadoras, da importância social do fazer pesquisa.

Além das atividades relativas ao projeto, também sentimos que nossa formação se amplia com a participação no grupo de pesquisa PROCESSOCOM e na Rede AMLAT. No ambiente do grupo PROCESSOCOM, há uma intensa troca de conhecimentos que possibilitam contato com textos relevantes e ainda, nas reuniões mensais, debate reflexivo que nos fazem repensar pesquisa científica. Isto, além de ter modalidades de vida de grupo. É na vivência concreta destas experiências que vamos aprendendo, pouco a pouco, o ofício da pesquisa.

Referências

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópoli, RJ: Vozes, 2002. Cap. 3 e 6
- BIANCHI, Graziela. Considerações sobre processualidade metodológica e a relação pesquisador-pesquisado. In: MALDONADO, Alberto Efendy [et al]. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- BONIN, Jiani. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy [et al]. **Metodologia de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- COGO, Denise. **Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas**. Rio de Janeiro: E-papers; Brasília, DF: GSEM, 2006.
- MALDONADO, Alberto Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n.9, p.1-15, 2002. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/efendy2.html>. Acesso em: 26/09/2011.



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

OLIVEIRA, Rejane de. Quando Ele vira notícia: Dom Diego Maradona e a construção da identidade argentina no jornal Zero Hora. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, n.12, p.126-139. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=211&sid=24>. Acesso em: 27/02/2012.

THOMPSON, E. P. A voz do passado. **História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.